

Mais que uma rua na Vila Mariana

Camila da Gama¹ | Marina Luna²

O pássaro-jardineiro, ou pássaro-caramancheiro, passa parte da sua época de acasalamento estruturando um pequeno túnel de galhos. Ele o enfeita com objetos de cores vibrantes e planta flores ao redor da estrutura, fazendo com que esteja sempre atraente para as fêmeas. A arquitetura é demorada, mas extremamente importante para a vida destas aves, tendo registros destes pequenos túneis com cerca de 30 anos, que também são utilizados pelas gerações mais novas da espécie. Engana-se quem pensa que esta é uma vivência exclusiva dos pássaros-caramancheiros. Em muitos lugares da cidade de São Paulo pessoas constroem seus lares e cultivam raízes que perduram para seus filhos, netos e gerações posteriores.

Mas o que acontece quando o túnel não é herança, mas sim, uma ameaça às casas que foram construídas e semeadas?

Este pensamento surgiu ao sairmos do metrô Chácara Klabin, sem conhecer o caminho até uma favela que está sendo ameaçada pela construção do túnel Sena Madureira, projeto idealizado em 2010 e iniciado em 2024. Na época, os veículos da grande mídia evidenciavam as manchetes sobre as árvores derrubadas no bairro da Vila Mariana e a revolta que a falta delas gerou, mas em nós surgiu a dúvida: e as famílias que vão ser retiradas de lá? Por que tão pouco vem sendo falado sobre elas? A partir deste questionamento fomos em direção à favela Sousa Ramos.

Figura 1

COMO NUM JOGO DE XADREZ ARQUITETÔNICO AS TORRES DE CONCRETO AVANÇAM SOBRE A COMUNIDADE ANCESTRAL, NUMA DISPUTA DESIGUAL PELO TERRITÓRIO VALIOSO DA VILA MARIANA.

Foto: Coletivo Sousa Ramos Fica! (12/10/2025)

Até então, encarávamos as ruas dinâmicas e arborizadas, a falta de barulho e o pouco movimento da manhã naquele espaço, e eram tantos prédios que não importava se olhávamos para a esquerda ou direita, qualquer direção nos levava para os gigantes de concreto (*Figuras 1, 2 e 3*). Entretanto, quando



¹ Artista e escritora. Estudante de Jornalismo na Faculdade Paulus de Comunicação.

² Escritora e produtora cultural. Estudante de Jornalismo na Faculdade Paulus de Comunicação.



chegamos no fim da rua Sousa Ramos, depois de subir as ruas Dr. Barros Cruz e a Maurício Francisco Klabin, conseguimos entender a diferença entre os prédios e a favela. Acontece que aquela arquitetura, construída pelos moradores, não tem apenas muros e paredes, mas história, cultura e comunidade.

Chegando ao nosso destino, o cenário era assim: casas à direita e o portão verde da Sousa Ramos à esquerda, pessoas sentadas na calçada observando minha câmera apontada para as placas da construção pichadas com a frase "NÃO AO TÚNEL!". Ao lado das garagens, um pedaço de terra cavoucado por escavadeiras que já não estavam lá, e apenas deixaram como lembrança as rachaduras nas paredes dos moradores. Quando entramos para além do portão automatizado, vimos um corredor de casas bem estruturadas, com outros pequenos corredores e escadarias que acompanhavam as moradias que abrigam 200 famílias. Os muros carregam a bandeira do Brasil, pintada em época de Copa do Mundo, frases de combate e protesto e pinturas comuns que servem para dar cor ao espaço. Já várias das garagens e portas abrigam o adesivo de identificação da Prefeitura, com a numeração que indicava quais casas seriam, até então, retiradas na obra. Quase todas as portas e garagens estavam manchadas com este adesivo (*Figura 3*).

Figura 2

ASPECTO DA COMUNIDADE SOUSA RAMOS.

Foto: Coletivo Sousa Ramos Fica!



Figura 3

ASPECTO GERAL DA COMUNIDADE SOUSA RAMOS. Ao fundo e à direita, a área desmatada pela construtora. Numa clara infração das leis ambientais, centenas de árvores foram removidas do entorno da nascente do córrego Embuaçu, deixando a terra nua sujeita a deslizamentos.

Foto: José Cícero/Agência Pública, Setembro de 2025.

Durante a caminhada, fomos recepcionadas pelo sorriso amigável de Eduardo Canejo, o líder comunitário, e pelas histórias de quem chama a Sousa Ramos de lar. Duas mulheres que estavam sentadas na escada de um dos corredores se disponibilizaram a conversar conosco, uma fazendo a unha da outra, num dia comum. Eduardo, que nos acompanhava, apresentou Laurenilda, moradora antiga da comunidade. Nilda, como é conhecida, contou sobre o início daquele espaço, do chão de terra e das casas simples que antes haviam ali, dos dias de chuva que transformava tudo em lama e a faziam cobrir os sapatos com sacolas para conseguir sair arrumada para o trabalho. Ao longo da conversa, os vizinhos

que passavam nos cumprimentavam, deixavam para trás um carinho em forma de “boa tarde” e seguiam seus caminhos. As pessoas andavam tranquilas e as crianças brincavam de bola, enquanto Nilda destrinchava a situação e contava sobre as rachaduras que ameaçavam a queda das garagens e as inúmeras ameaças da Prefeitura sobre a remoção da comunidade (Figura 4).

Figura 4

“É O MEU DIREITO, É A MINHA CASA. REGISTRADA EM CARTÓRIO MESMO. EU TENHO OS PAPÉIS. E TODO MUNDO AQUI TEM” – LAURENILDA MARIA DOS SANTOS.

Foto: Camila da Gama.



Naquele dia, subimos uma das escadas estreitas e cercadas de plantas em direção a um portão pequeno, pintado de branco, que serve de entrada para a casa de Dona Ia, uma senhora de 77 anos, que nos recebeu de portas abertas e com uma história que nos fez compreender a essência da favela Sousa Ramos. Dona Ia nos contou do dia em que chegou no terreno quase vazio e enlameado, com os dois filhos, alguns móveis e a vontade de construir sua casa própria. Chovia muito e o filho mais novo pedia para ir embora, chorava que não queria ficar ali, mas a mãe determinou que ali construiriam uma vida. Na época, eram cômodos pequenos e apertados, com algumas goteiras. Isso aconteceu há 50 anos, e a descrição de nada lembra o lar colorido e aconchegante de hoje. A casa de paredes rosa claro, plantas na varanda e os objetos que contam a história da vida da moradora mais velha da comunidade (Figura 5).

Também conhecemos Tatiana, uma moradora mais recente, que nos recebeu com um copo de água gelada e o orgulho de ser parte da militância pela proteção da favela. Ela nos mostrou uma flâmula de protesto com os dizeres “Não ao túnel”, e nos contou sobre como a entrada no movimento foi orgânica e revolucionária. Tatiana se mudou para a Sousa Ramos há poucos anos, vinda da zona oeste de São Paulo, onde vendeu um apartamento. A decisão de mudar para a zona sul



Figura 5

**“A MINHA
PREOCUPAÇÃO É,
COMO VAI SER?
COMO EU VOU
RECOMEÇAR?
DE QUE JEITO?” -
DONA IA EM SUA
CASA.**

Foto: Camila da
Gama



Figura 6

“EU GOSTEI MUITO QUANDO EU VIM CONHECER, FALEI, É AQUI QUE EU QUERO PLANTAR A MINHA RAÍZ, É AQUI QUE EU VOU MORAR E AQUI QUE EU VOU CONTINUAR” - TATIANA.

Foto: Camila da Gama.

veio após uma visita à comunidade na Vila Mariana, e foi amor à primeira vista. Tatiana sabia que ali criaria raízes (Figura 6).

Para esses moradores, que construíram suas histórias com as próprias mãos, que estruturam seu futuro em conjunto, as rachaduras nas paredes e as portas marcadas configuram uma luta iniciada em 2010. A falta de transparência da Prefeitura incentivou que os moradores fossem, por conta própria, analisar e pesquisar documentos e contratos da obra, e para além disso, regularizar o território. Foi então que o espaço se tornou ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social³) em 2014 e posteriormente entrou como REURB (Regularização Fundiária Urbana⁴), ambas medidas que tornam o espaço adequado perante a lei. Mas não foram essas medidas que interromperam o início da obra.

A obra do túnel Sena Madureira passou por vários processos desde a apresentação do projeto em 2010, tendo contrato firmado em 2011, mas que não conseguiu prosseguir devido a irregularidades atreladas a ela. Posteriormente, em 2012, a gestão da cidade mudou, e a obra seguiu sendo postergada, mas não cancelada, até o marco de 2019, quando o contrato foi realmente firmado, mas novamente atrasado devido a pandemia de COVID-19. A corrida contra esses trâmites acontecia de ambos os lados: a obra que tentava sair do papel e a Sousa Ramos que lutava para permanecer de pé. O período pandêmico do país fez com que aglomerações não fossem permitidas, impedindo que os moradores

³ ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) são áreas urbanas delimitadas para garantir moradia digna a populações de baixa renda, promovendo a regularização fundiária, melhorias urbanas e construção de habitação de interesse social (HIS) em assentamentos precários ou em terrenos vazios, sendo um instrumento fundamental da política urbana brasileira, previsto no Estatuto da Cidade, para promover inclusão social e o direito à cidade.

⁴ REURB (Regularização Fundiária Urbana) é um conjunto de medidas jurídicas, urbanísticas, ambientais e sociais no Brasil para legalizar núcleos urbanos informais, incorporando-os ao planejamento da cidade e concedendo títulos de propriedade aos ocupantes, garantindo segurança jurídica, acesso a serviços e inclusão social, com base na Lei nº 13.465/2017; existem modalidades como Reurb-S (Social) para baixa renda e Reurb-E (Específico).

se juntassem no cartório para continuar os cadastros para a ZEIS e REURB e acertar as pendências legais que ainda restavam.

Apesar dos impedimentos e das várias trocas de gestão na Subprefeitura e no cartório, também a suspensão do contrato devido a pandemia, os moradores continuaram sua batalha através das reuniões da Associação de Moradores da Sousa Ramos durante os anos de 19, 20 e 21, e retornaram às burocracias ao fim da pandemia. O processo durou até 2024 e até então o REURB estava regularizado, agindo conforme o orçamento do estado e atendendo todos os requisitos necessários.

No final de setembro de 2024, a vida dentro da comunidade se transformaria ainda mais. As ações da Associação para manter a comunidade segura legalmente, agora era apenas mais uma parte da equação dentro do processo. As pessoas que antes dormiam tranquilas para encarar o dia a dia foram tiradas de suas camas pelo barulho do maquinário, que interrompia o silêncio a poucos metros de suas casas. Sem serem devidamente notificados, pegos de surpresa pela data de início da obra, lidando apenas com a confusão e com a movimentação da Prefeitura, com as placas, tratores e caminhões, o que restou foi a falta de sono e o medo do que iria acontecer dali para frente.

Por um momento, a ameaça foi alarmante, mas a movimentação foi ágil e estava de pé no dia 8 de outubro, onde haveria uma reunião convocada pelo CADES (Conselho Municipal do Meio Ambiente), na Subprefeitura da Vila Mariana. Em um auditório que comporta apenas 49 pessoas, cerca de 300 manifestantes apareceram para reivindicar a interrupção da obra. Mesmo com as vertentes divididas entre quem defendia o meio ambiente e os moradores, a luta não se esquivou, se dividiu ou diminuiu. Houve ali um consenso de que todos estavam atrás da mesma coisa, logo a união era a única saída. O auditório completamente cheio fez com que a reunião fosse adiada para a quinta-feira seguinte, mas de pronto, todos os manifestantes presentes saíram em marcha para a Biblioteca Viriato Corrêa, a nova localização do encontro.

A manifestação surgiu de forma instantânea, com os gritos que clamavam seus direitos, inflamados e decididos a serem ouvidos. “Não é brincadeira, parem a obra da Sena Madureira” e “Não ao túnel” reverberaram na passeata e transformaram a avenida em parte da história da Vila Mariana. Com tantas vozes, a imprensa se aproximou e documentou. Falas que defendiam as árvores e a nascente foram ouvidas e publicadas, mas pouco se foi retratado sobre os moradores. Ainda assim, as vozes já estavam altas, as bandeiras já estavam pensadas e a resistência acesa nos corações de quem pertence ao bairro (Figura 7).

É importante ressaltar que na época dessas manifestações, as eleições estavam próximas e a mídia estava propensa a cobrir tópicos mais agradáveis, como o protesto a favor das árvores e da nascente da Vila Mariana. Mas nem por isso se pode dizer que os manifestantes da Sousa Ramos não foram vistos e as caminhadas contra o túnel continuaram fortes e crescendo.

No dia da segunda reunião, novamente cerca de 300 pessoas se juntaram em frente à biblioteca, mas não permitiram que o encontro acontecesse. Segundo Canejo, os seguranças disseram que a biblioteca estava fechada e que não haveria reunião alguma. A Subprefeitura não os respondeu, assim como nenhum outro órgão. Os atos, então, passaram a acontecer com mais frequência, mais fortes, e com ainda mais afinco,



Figura 7

EDUARDO
CANEJO, LÍDER
COMUNITÁRIO DA
SOUSA RAMOS.

Foto: Camila da
Gama.

enquanto as obras aconteciam à noite, fazendo barulho e impedindo o descanso da Sousa Ramos, enchendo de poeira os arredores e quebrando parte da estrutura que sustenta a comunidade.

Atualmente, depois de todos os atos, o Ministério Público decidiu embargar a obra para que seja realizado um novo estudo do impacto ambiental que a construção do túnel causaria, mas esta pausa não alivia a aflição gerada aos moradores, que precisam mais uma vez trabalhar para reparar o ambiente em que vivem, pensando que, talvez no futuro, ainda haja a possibilidade da retomada da construção⁵.

Esperança e insegurança são sentimentos predominantes, mas a comunidade Sousa Ramos conta com uma rede de apoio interna, com rodas de conversa que ajudam a amenizar os danos psicológicos que o estresse gerou nos moradores, e com o apreço que eles guardam pelos vizinhos, que superam as adversidades para que todos protejam em conjunto a comunidade que construíram.

Ao analisar a situação, é possível entender que há uma movimentação intensa para que a obra seja retomada, porém não há esforço equivalente para garantir que estes moradores tenham um futuro digno e próximo do que alcançam dentro da comunidade. Até o primeiro semestre de 2025 haviam algumas propostas, que de acordo com os moradores, seriam insuficientes para a manutenção do padrão de vida conquistado na Sousa Ramos. A primeira proposta surgiu com o valor de 30 a 60 mil reais de indenização, evoluindo para uma carta de crédito que poderia chegar a R\$250 mil para uso integral, não permitindo o uso como entrada ou parcela de um imóvel. Agora a possibilidade vigente é a de uma ajuda de custo de R\$600 que seria mantido por apenas 6 meses, em prol de custear o aluguel de uma nova moradia para esses cidadãos (*Figuras 8, 9 e 10*).

Ainda não há um acordo aceito e até o momento desta publicação, a Prefeitura de São Paulo e a Subprefeitura da Vila Mariana não responderam os questionamentos a respeito do planejamento a longo prazo para realocação ou indenização dos moradores da comunidade Sousa Ramos.

⁵ Em fevereiro de 2025, o Ministério Público paulista recomendou a suspensão do contrato firmado com a Álya Construtora S.A., antiga construtora Queiroz Galvão S.A para a construção do túnel, afirmando que o contrato "claramente decorre de fraude da qual a empresa participou". O promotor responsável citou os "crimes, fraudes e superfaturamento de preços durante o processo licitatório originário" em sua recomendação, o que levou a Prefeitura a rescindir o contrato; cfe. LARA, Wallace; RODRIGUES, Rodrigo. Após recomendação do MP, Nunes diz que vai fazer nova licitação para a construção do túnel da Sena Madureira, na Vila Mariana. G1-SP, 5/2/2025; disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/02/05/apos-recomendacao-do-mp-nunes-diz-que-vai-fazer-nova-licitacao-para-a-construcao-do-tunel-da-sena-madureira-na-vila-mariana.ghtml> (acessado em 22/12/2025).



Figura 8
O SORRISO DE NADJA,
MORADORA DA SOUSA RAMOS.
Foto: Camila da Gama.



Figura 9
JÉSSICA ORTIZ E
SEU FILHO NOAH.
Foto: Camila da Gama.



Figura 10
MARIA DO CARMO.
Foto: Camila da Gama.

Durante toda a história do Brasil, pessoas foram tiradas de seus berços e arrancadas de suas culturas em nome do progresso. Indígenas que tinham fala, religião e espaço, foram obrigados a se adequar a uma nova língua, novo dogma e no aterramento de sua cultura. O conceito de “ninguendade” de Darcy Ribeiro, explica o quanto nossa população coexiste com o fato que seu pertencimento não pode ser defendido, mas ultrapassado, já que nada pode ser, realmente, do brasileiro. Durante muitos anos, pessoas foram trazidas ao Brasil para serem comercializadas e submetidas à escravidão. Com a abolição, essas mesmas pessoas não foram incorporadas à sociedade de forma digna, mas empurradas para as margens, realocadas, isoladas e privadas de acesso a direitos básicos. Paralelamente, o Estado incentivou a vinda de imigrantes europeus, num projeto explícito de apagamento social e racial, que buscava substituir a mão de obra destes e diluir a presença das populações recém-libertas no espaço brasileiro, por outros que seriam mais “dignos” na visão da época.

Num espaço diferente, em outro contexto e em outra época, a situação da comunidade Sousa Ramos não é diferente. Mesmo num espaço tão vívido, onde as pessoas sentam e conversam tranquilamente, riem e festejam, onde a tranquilidade é defendida, onde há estrutura para abrigar sim, 2 centenas de famílias, se encontra a dúvida se ainda terão o direito de morar com dignidade.

Quando falamos de lar, falamos de sentimento e permanência, entendemos que não se constrói um lar apenas com o material, mas com as alegrias, desafios e as vivências durante toda a história vivida dentro de uma casa. Assim como o pássaro-caramancheiro, encontramos nossas raízes não apenas em um ninho, mas no trabalho e esforço que dedicamos durante a construção da estrutura que nossa vida segue, assim como a próxima geração também seguirá e prosperará tanto como nós prosperamos.

São histórias assim que encontramos na Sousa Ramos, a prosperidade que nasce a partir da raiz de um indivíduo. Histórias como as de Dona Ia, que começou na comunidade com uma geladeira quebrada que pifou durante a mudança enlameada e a certeza de que continuaria ali até que aquele novo espaço se tornasse seu lar. Na conversa em que tivemos, não havia tristeza. Dona Ia é devota de sua casa, orgulhosa das janelas, da varanda, das plantas e do seu quarto repleto de fotos de seus filhos e de sua fé. A voz embargou somente quando lembrou da possibilidade de perder tudo, da incerteza do recomeço e de precisar se desfazer do seu recanto.

A comunidade também carrega a história do bairro da Vila Mariana, sua arquitetura tipicamente brasileira, colorida, improvisada, feita com vontade e esforço coletivo, uma estrutura que lembra tantas outras casas espalhadas por todo o Brasil. Olhar para cima e encontrar as pessoas assistindo às ruas pela varanda, relaxando enquanto veem os filhos brincarem, dentro de suas próprias casas, é um respiro em uma vida tranquila e cotidiana que já não é mais tão presente. O sentimento de entrar na Sousa Ramos é o de desacelerar, chegar em casa e assistir a sua vida e os instantes das pessoas ao seu redor caminhando para

mais um dia. No ritmo em que vivemos, onde as vidas são reduzidas a números e a cidade já não encara mais os seus moradores nos olhos, pessoas como Laurenilda, Dona Ia, Tatiana e Eduardo – que abrem suas casas e nos permitem viver o que eles vivem através dos nossos próprios olhos ao invés de uma câmara ou reportagens enviesadas – foram capazes de mudar a nossa percepção a respeito do que é uma favela, ou mais especificamente, o que é a favela Sousa Ramos, mal falada pela Prefeitura como um local inadequado para moradia, mas que na realidade, transpira vida e felicidade em suas ruas, vibrando com o desejo único de continuar existindo.